

**DEPARTAMENTO DE GESTÃO E HOSPITALIDADE**  
**CURSO DE BACHARELADO EM TURISMO**

**MARIA ALICE DA SILVA OLIVEIRA**

**A CADEIRA DE FIO E A HOSPITALIDADE CULTURAL CUIABANA:**  
**POSSÍVEIS DIÁLOGOS COM O TURISMO**

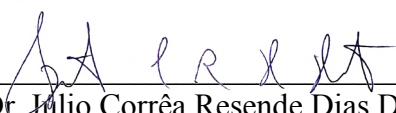
**CUIABÁ-MT**  
**2021**

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

### **A CADEIRA DE FIO E A HOSPITALIDADE CULTURAL CUIABANA: POSSÍVEIS DIÁLOGOS COM O TURISMO**

Artigo apresentado ao Curso de Bacharelado em Turismo do Instituto Federal de Mato Grosso – Campus Cuiabá - como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Turismo.

#### **BANCA EXAMINADORA**



---

Prof. Dr. Júlio Corrêa Resende Dias Duarte  
(Orientador – IFMT)



---

Profa. Ma. Angela Maria Carrion Carracedo Ozelame  
(Examinadora Interna – IFMT)



---

Profa. Dra. Alini Nunes de Oliveira  
(Examinadora Interna)

Data: 10/12/2021

Resultado: aprovado

## **A CADEIRA DE FIO E A HOSPITALIDADE CULTURAL CUIABANA: POSSÍVEIS DIÁLOGOS COM O TURISMO**

Maria Alice da Silva Oliveira<sup>1</sup>

Júlio Correa de Resende Dias Duarte<sup>2</sup>

### **RESUMO**

Esse trabalho tem como intuito compreender a hospitalidade cuiabana e suas relações com o turismo por meio da análise do acolhimento realizado pela cadeira de fio e outras dimensões da cultura. Nesse sentido, pretendeu-se saber como eram acolhidos os visitantes quando se colocavam cadeiras de fio em frente das casas ou nos quintais para receber quem por ali passava ou chegava. Assim, justifica-se a possibilidade de compreender mais sobre a cultura cuiabana e entender quais aspectos foram essenciais para a hospitalidade da cidade. Para a realização desse estudo, foi utilizado o método de pesquisa bibliográfico, fundamentando teoricamente o trabalho, e valeu-se, também de entrevistas com a população cuiabana, a respeito da hospitalidade da capital. Com isso, é possível concluir que a cultura cuiabana se apresenta bastante hospitaleira, mas não em todas as ocasiões em que ocorre o contato entre cidadãos e turistas.

**Palavras-chave:** Hospitalidade. Cadeira de Fio. Cultura Cuiabana. Turismo.

### **ABSTRACT**

This work aims to understand Cuiabá hospitality and its relationship with tourism through the analysis of the reception provided by the yarn chair and other dimensions of culture. In this sense, the aim was to find out how visitors were welcomed when wire chairs were placed in front of houses or in backyards to receive those who passed or arrived. Thus, it is justified in the possibility of understanding more about Cuiabá culture and understanding which aspects were essential for the city's hospitality. To carry out this study, the bibliographic research method was used, interviews with the Cuiabá population, about the hospitality of the capital. Thus, it is possible to conclude that Cuiabá culture is quite hospitable, but not in all occasions when contact between citizens and tourists occurs.

**Key-words:** Hospitality. Wire Chair. Culture. Turism.

### **INTRODUÇÃO**

A hospitalidade tem como princípio a interação entre os indivíduos por meio da reciprocidade. Isso quer dizer que, através de relações interpessoais, em que ocorrem encontros de vivências e culturas, entre anfitrião e visitante, estabelecem-se os vínculos de hospitalidade.

Dessa forma, a subjetividade da hospitalidade é caracterizada pela aproximação, acolhimento, afetividade, de modo a gerar agrado aos que passam por um local.

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de bacharelado em Turismo do Instituto Federal de Mato Grosso – Campus Cuiabá. E-mail: mariaalicesoliveira030581@gmail.com

<sup>2</sup> Professor orientador. Doutor em Educação e Docente do Instituto Federal de Mato Grosso – Campus Cuiabá do curso de bacharelado em Turismo. E-mail: julio.resende@cba.ifmt.edu.br

Diante desse cenário, Boer e Rejowski (2016) descrevem que, em um ambiente, seja ele residencial ou comercial, as pessoas levam em consideração a atmosfera que dele emana, o entretenimento e as relações ali experimentadas. Assim, fica claro o bem-receber, dado pela hospitalidade.

Com isso, a hospitalidade pode ser utilizada como fomento à visitação e turismo de uma determinada região. Não obstante, tendo como intuito analisar o panorama cuiabano, a cadeira de fio, símbolo da capital mato-grossense, em que a população fica sentada em frente de suas casas, tendo em vista que a proximidade com aqueles que estão transitando pelas ruas gera acolhimento desde o primeiro contato.

Desse modo, esse estudo tem como temática a discussão sobre a hospitalidade e o Turismo, delimitado sob o viés cultural cuiabano da cadeira de fio. Nesse sentido, esta pesquisa tem como objetivo geral investigar as práticas da hospitalidade cuiabana, por meio do bem receber, bem como estudar as relações entre esta hospitalidade cultural e o turismo. Em específico, o trabalho objetiva compreender como o acolhimento cultural contribui na hospitalidade comercial e turística, abordando os principais pontos da hospitalidade cuiabana; e entender como a proximidade gerada pela cultura da cadeira de fio, símbolo da cultura cuiabana, pode contribuir com a hospitalidade em turismo.

Assim, temos como problema de pesquisa: de que forma a cadeira de fio e o bem-receber cuiabano podem dialogar com o Turismo e contribuir com a hospitalidade comercial?

Por sua vez, como hipótese, busca-se saber se a hospitalidade cuiabana é aproveitada turisticamente e se a cultura da cadeira de fio pode ser um fator intrínseco para compreensão da hospitalidade da região.

Essa proposta de estudo se justifica na possibilidade de aprofundamento sobre a cultura cuiabana. Tendo em vista os mais de 300 anos da capital mato-grossense, é de suma importância saber como a cidade se construiu culturalmente, sendo um dos grandes centros do estado. Além disso, Cuiabá possui a popularidade de ser uma cidade acolhedora e hospitaleira. Também, a cadeira de fio e a forma de acolhimento gerada por essa cultura foi bastante presente em minha infância. Dessa forma, pretende-se saber o que leva a esse renome e entender como potencializar a hospitalidade, a fim de ser um fator importante para as experiências de qualidade do turista.

Por sua natureza, esta pesquisa se classifica como qualitativa, pois se preocupa em “analisar e interpretar, de forma minuciosa, sobre as tendências comportamentais, hábitos e atitudes humanas” (MARCONI; LAKATOS, 2004, p. 269). Em outras palavras, tal método busca a investigação da opinião pessoal, da análise de pontos de vista, como meio de análise da situação apresentada pelo entrevistado.

Nesse caso, visou-se, preferencialmente, a abordagem da população mais antiga da cidade e dos cuiabanos de “Chapa e Cruz” (nascidos e criados em Cuiabá), tendo em vista a possibilidade de ser abordada a questão da hospitalidade cuiabana, desde a cadeira de fio até o atual escopo, expondo suas visões sobre o tema e sobre os possíveis diálogos gerados com o turismo. Foram realizadas 18 entrevistas, haja vista que, com essa quantidade, foi possível compreender dimensões da cultura, da hospitalidade e das relações com o turismo em Cuiabá. Essas entrevistas trataram de questões sobre os costumes regionais relacionados ao acolhimento, como o hábito de sentar na frente da casa e receber as pessoas desde o primeiro momento, oferecendo, muitas vezes, café, bolo, chá; sobre as práticas de bem-receber; sobre os motivos que levaram a diminuição e abandono desses hábitos.

Desse modo, visto as técnicas utilizadas para desenvolver o tema, o trabalho utiliza, predominantemente as entrevistas. Segundo Gonçalves (2001), esta técnica ajuda a buscar a informação diretamente com a população pesquisada, ou seja, os moradores tradicionais de Cuiabá.

A priori, o ideal foi a realização das entrevistas *in loco*, tendo em vista que se obteria contato mais pessoal e uma comunicação melhor com o público-alvo. Entretanto, dada a incerteza quanto à possibilidade da realização das entrevistas pessoalmente, haja vista as medidas de segurança para prevenção da Covid-19, algumas das entrevistas foram realizadas por plataformas virtuais (WhatsApp), e outras presencialmente.

Ademais, esse estudo valeu-se da pesquisa bibliográfica em trabalhos e publicações científicas afins – que tratam sobre a hospitalidade cuiabana – como meio de embasar o conteúdo do trabalho.

## **2 A HOSPITALIDADE: ASPECTOS HISTÓRICO-CULTURAIS**

Estabelecer o conceito de hospitalidade mostra-se mais complexo do que parece, devido a amplitude ligada a esse fenômeno. Há relatos que afirmam que, mesmo antes de

estabelecer-se um conceito para a hospitalidade, ela já se mostrava presente na humanidade, desde a antiguidade.

Godelier (2001) pontua que, anteriormente, era necessário estar ligado a um corpo social, comunidade, aldeia, ou grupo para a sobrevivência do indivíduo. Contudo, na atual sociedade, isso não se aplica, pois, o mero pertencimento a um grupo, como a família, não garante a sobrevivência do indivíduo.

Nesse primeiro contexto, conseguimos ver as primeiras características das sociedades. Diferentemente do que é posto nas primeiras sociedades, pertencer a um corpo social, somente, não garante a sobrevivência. É necessário que o indivíduo possua meios de subsistência, principalmente financeiros.

Com isso, não ter dinheiro significa não ter recursos e sem recursos, não há existência, seja ela física ou material. Desse modo, percebe-se que a existência social está vinculada ao dinheiro, de maneira que a falta desse recurso exclui os indivíduos da sociedade. Nesse meio, surge o paradoxo de que a economia cria os excluídos em massa e confia na sociedade para reincluí-los, e não na própria economia. Por isso, hoje em dia é comum encontrarmos pessoas sem domicílio fixo, os mendigos, que habitam as ruas. Assim, para reparar essas vítimas da sociedade, generalizou-se o apelo de dar e partilhar por esse grupo social (GODELIER, 2001).

Dito isso, o entendimento de Godelier a respeito da hospitalidade. Percebe-se que o autor pontua que esta está intrinsecamente relacionada a solidariedade, em seu sentido mais amplo. Ora, a sensibilização com o outro, o exercício da alteridade, faz com que aqueles que residem fixamente em determinado local possam acolher quem necessita de acolhimento.

São nessas condições que Mauss (2003) se embasa. A questão de dar, tratada por Mauss, pode ser sintetizada no seguinte trecho: “Qual é a regra de direito e de interesse que, nas sociedades de tipo atrasado ou arcaico, faz com que o presente recebido seja obrigatoriamente restituído? Que força há na coisa que se dá que faz com que o donatário a restitua? ” (MAUSS, 2003, p. 188).

De acordo com o referido autor, a hipótese de que o que obriga a dar é precisamente o fato de que dar obriga. Isso quer dizer que dar significa transferir voluntariamente algo que pertence a alguém de quem pensamos que não pode deixar de aceitar. O doador pode ser um

grupo ou um indivíduo que age sozinho ou em nome do grupo. Assim como o destinatário da doação pode ser um indivíduo ou um grupo ou uma pessoa que recebe o dom em nome do grupo que representa (GONDELIER, 2001).

Nesse sentido, a ideia de receber algo que foi dado voluntariamente instiga o que recebeu a retribuir a quem o deu. Dar a alguém algo, não necessariamente material, em geral, desperta a afetividade no indivíduo que recebe, o qual se sente no dever de retribuir. Por mais inconsciente, a ideia do dar-receber-retribuir está presente na mentalidade social por meio da reciprocidade entre as pessoas.

Dessa forma, corroborando com o pensamento de Mauss, Montandon (2011) estabelece que a hospitalidade possui origens etimológicas relacionadas a ideais de igualização social, sendo uma demonstração de civilização e humanidade.

Esse pensamento, juntamente como postulado por Godelier, leva a entender que, a princípio, a hospitalidade surgiu com o exercício de acolher quem precisa, com intuito de levar algo que o outro não possui. Dessa forma, é perceptível a diferença entre o atual conceito de hospitalidade. Antes, acolhia-se por entender a necessidade do outro; hoje, acolhe-se por gerar o bem receber, por reciprocidade existente na relação interpessoal. Apesar disso, podemos extrair que a essência da hospitalidade se mantém: o afeto.

Posto isso, percebe-se que a hospitalidade se trata de uma forma de relacionar-se decorrente de ação recíproca entre visitantes e anfitriões, e interligada aos diversos princípios que orientam a conduta, como o afeto e reciprocidade.

No decorrer dos anos, tendo em vista a modificação das necessidades, a temática ganhou diversos vieses de observação e análise. Apareceram correntes de pensamentos que possuem a hospitalidade como objeto de estudo, valendo-se de diversas perspectivas. Nesse âmbito, Camargo postula duas escolas de pensamento da hospitalidade:

A americana [...] para a qual tudo acontece como se da antiga hospitalidade restasse apenas a sua atual versão comercial, baseada no contrato e na troca estabelecidos por agências de viagens, operadoras, transportadoras e por hotéis e restaurantes (...). A francesa, que se interessa pela hospitalidade doméstica e pela hospitalidade pública e que têm na matriz maussiana do dar-receber-retribuir a sua base, ignorando a hospitalidade comercial (CAMARGO, 2004, p. 40).

Contudo, a hospitalidade não é sempre o que se encontra em um lugar, podendo o visitante se deparar com a hostilidade. Isso porque a ameaça de que o visitante se torne um

parasita ilegítimo no local em que habita o anfitrião, transformando, assim, a hospitalidade em hostilidade. A ambiguidade vem do fato de a concepção primária da hospitalidade se caracterizar por acolher o estranho, concebida como infinita e incondicional, nessa perspectiva, que requer a remoção das fronteiras que nos separam do outro, promovendo sua preservação sem aniquilá-lo. A hospitalidade encerra, portanto, um paradoxo, no sentido de que conteria em si uma lei incondicional e ilimitada.

É indiscutível que, nessas condições, não é mais questão de dar a alguém que se conhece e menos ainda de esperar algo mais que um reconhecimento que nunca será recebido pessoalmente. A hospitalidade tornou-se um ato que liga sujeitos distintos, um laço subjetivo que se pode dar por afetividade, solidariedade, entre outros.

Nesse sentido, Mauss (2003) demonstra que dar se relaciona a três obrigações: de dar, de receber, aceitar e de restituir, uma vez que aceitou. Ao analisar essas obrigações, parecem que são inseparáveis, mas apenas a de restituir pode ser tratada de forma independente, ou até mesmo nem pode ser considerada uma obrigação, visto que depende de vontade alheia a do anfitrião.

Nessa perspectiva, nada mais semelhante a premissa dar-receber-retribuir do que a hospitalidade. Por mais que não haja mais essa visão de obrigação, como conceituada por Mauss, trata-se, sim, de reciprocidade entre o anfitrião e o hóspede. Desse modo, essa perspectiva obrigacional da hospitalidade incorporou-se na sociedade.

Mais afundo nessa ideia, a hospitalidade pode ser compreendida como um aspecto cultural de determinado grupo. Isso porque o homem, em suas relações de convívio, assimila e transmite aqueles comportamentos que recebe, como comprova Laraia (1986, p.48):

O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções. Estas não são, pois, o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade.

Nesse sentido, práticas costumeiras de uma sociedade, às vezes tidas como fatos sociais, são repassadas àqueles que nela convivem. Assim, o homem tende por agir conforme os padrões culturais (LARAIA, 1986).

Por isso, em um ambiente onde é presente e costumeiro o bem tratar, a premissa do “dar-receber-retribuir”, tende-se a ter maior hospitalidade, devido a essa cultura já existente.



Como visto, é possível definir a hospitalidade por meio de diferentes vieses. A hospitalidade está ligada ao relacionamento dos indivíduos e a sua convivência nos diversos locais, a oferta de alimentos, bebida e acomodação (MIRANDA, 2006).

De acordo com Lashley (2004), a hospitalidade é dividida em três aspectos: o social, a privada e a comercial. No primeiro, é levado em consideração os cenários sociais em que a hospitalidade está presente, bem como as repercussões que gera sobre a produção e consumo de bebidas, alimentos e até mesmo na acomodação. Já no privado, é considerado o impacto da relação anfitrião-hóspede no local em que a hospitalidade está presente. Por fim, o último domínio (comercial) relaciona-se com a oferta da hospitalidade enquanto atividade econômica.

Assim, fica evidente que a hospitalidade está intimamente ligada ao bem-receber, a reciprocidade, dada na relação entre o anfitrião e o visitante.

## **2 HOSPITALIDADE CUIABANA**

Nessa perspectiva, com o que já foi abordado, podemos perceber a essência da hospitalidade. Assim, cabe, neste momento, delimitar a hospitalidade à capital mato-grossense, Cuiabá.

Como visto, a hospitalidade está ligada ao ato de acolher alguém que esteja fora de seu local de convivência. Para tanto, pretende-se compreender um pouco sobre a história da cidade.

Cuiabá foi uma cidade que teve a sua fundação por fruto de um acontecimento inesperado pelos bandeirantes paulistas que foram ao interior do país em busca de indígenas para se tornarem escravos. No entanto, em vez de conseguir capturá-los na região, os membros da bandeira comandada por Pascoal Moreira Cabral encontraram minas de ouro que seriam muito mais lucrativas para a colônia (MIRANDA, 2006). Desse modo, não se imaginava que a cidade que antes era utilizada como centro de extração de minério, posteriormente, pudesse ser reconhecida pelo seu acolhimento com aqueles que a visitam.

No entanto, esse cenário não se deu desde os primórdios. A hospitalidade na recepção do turista certamente sofreu uma mudança devido ao processo de desenvolvimento da região com a chegada de imigrantes na região cuiabana e seus hábitos (MIRANDA, 2006).

Ademais, a capital mato-grossense possui atratividade. Devido ao clima quente e a vegetação do Cerrado, é grande a quantidade de frutas tropicais que se produz na região. O

caju, a manga, as melancias, entre outras, são fartas em determinadas épocas do ano e até os dias atuais ao visitante é servido o suco do caju ou do tamarindo, na casa de um “chapa e cruz”. O visitante também não sairá dessa casa sem antes experimentar o bolo de queijo ou o “francisquito” (biscoito amanteigado da região cuiabana) com o cafezinho coado na hora, ou ainda, os doces caseiros como o “furrundú”(doce feito da cidra ralada do mamoeiro) entre muitos outros.

Dessa forma, Barros (1984, p. 80-81) comenta:

Gente de cor morena, muito mulato e uma boa quantidade de negros. Os brancos não eram numerosos. Mas o que distinguia o cuiabano era a hospitalidade, a simplicidade, a confiança fundada na razão, a grande capacidade de fazer amizade, a educação, a inteligência. Há quem diga que o cuiabano é indolente; só sabe ser funcionário público. Não é verdade. Isso só pode ser fruto da maldade ou da ignorância. [...]. Está indo, porém, embora a hospitalidade do cuiabano. Já não se toma o cafezinho da hora ou o guaraná seguido do cigarrinho de palha nas visitas mesmo porque estas já vão rareando. A simplicidade já não existe. Acabou-se o hábito de sentar toda a família à porta da residência ao entardecer. Não há mais tempo para uma soneca na rede de ‘varanda’.

Assim, a cidade de Cuiabá era caracterizada pela confiança e proximidade entre as pessoas. Isso fica evidente quando, nos fins de tarde, o povo cuiabano costumava a ficar sentado nas calçadas das ruas, em suas cadeiras de fio, tomando suco de caju (“cadjú”, como conhecido no linguajar cuiabano), comendo bolo de arroz ou de queijo e jogando conversa fora. Esse cenário descrito gera conforto a quem o vivencia, ou até mesmo a quem somente tem conhecimento dessa prática, de modo a despertar sentimentos de afetividade e fazendo as pessoas “sentirem-se em casa”.

O sentido mais puro da hospitalidade não se foi com o tempo. Passou por mutação inevitável, mas não desapareceu. Não se recebe mais a visita nas ruas. As casas de varandas grandes foram substituídas pelos apartamentos cada vez menores em busca de segurança. Para escapar das temperaturas altas, já não deixam as janelas abertas; ao contrário, as fecham para não permitir que o ar gelado dos condicionadores de ar saia do recinto. O guaraná em pó passou a ser consumido somente pelos mais velhos e filhos da terra, os mais jovens até continuam consumindo, mas diluído em sucos ou leite e não em água gelada.

Diante disso, cabe destaque a cultura da cadeira de fio. Esse costume consiste na utilização da cadeira de fio em frente de casa, nas calçadas ou no quintal, de modo a gerar o recepcionamento de quem por lá passa, vizinhos e familiares. Existem vários modelos de cadeira de fio, mas sua estrutura é de acordo com retratada abaixo:

Figura 1: Cadeira de fio



Fonte: Google Imagens

Assim, parte da hospitalidade cuiabana pode ser retratada pela utilização dessa cadeira. Diante disso, cabe fazer uma análise da presente cultura e como isso influenciou – ou ainda influencia – na receptividade e hospitalidade cuiabana.

### **3 A HOSPITALIDADE CUIABANA E SUAS POSSÍVEIS RELAÇÕES COM O TURISMO**

Para compreender melhor as relações entre a hospitalidade cuiabana e o turismo, buscou-se realizar a pesquisa com a população mais idosa (três entrevistados), tendo em vista que eles tiveram maior vivência no período em que se acolhia desde a calçada das casas. Posteriormente, procurou-se entrevistar o público adulto não-idoso (dez entrevistados) que residia a maior parte da vida em Cuiabá. Por fim, entrevistou-se também a população mais jovem (cinco entrevistados), pois vivenciaram quando crianças e adolescentes a hospitalidade ora analisada, da cadeira de fio, e hoje, vivenciam as transformações ocorridas no acolhimento.

Figura 2: Idosos na cadeira de fio



Fonte: Google Imagens

Assim, foi possível a análise desses dados sobre hospitalidade aplicados ao turismo. Isso quer dizer que, por meio dos dados coletados, seria possível entender como a hospitalidade influenciou o turismo na região cuiabana.

Cabe pontuar que não foram descartadas nenhuma das entrevistas, haja vista que existem diversos pontos de vistas sobre o tema e que eles devem ser levados em consideração, para preservar o caráter científico da pesquisa.

Ao se buscar saber quais foram os motivos que levaram os entrevistados a residir ou permanecer na capital, foi possível identificar duas principais razões.

A primeira delas se deu por motivos de nascimento. A maioria dos entrevistados já nasceu em Cuiabá e, pelo fato da família residir na cidade, continuaram a habitá-la. Mas não é somente isso, foi possível observar que eles também construíram boas memórias e lembranças de todo esse tempo que viveram na capital mato-grossense. Exemplo disso está no relato de Valdenilza, 60 anos, que reside em Cuiabá desde o seu nascimento, a qual descreve que teve a infância e adolescência brincando e conhecendo os vizinhos do bairro e sendo acolhida nas calçadas em frente das casas.

Nasci aqui, minha infância e adolescência foi aqui, brincando, conhecendo os vizinhos. Praticamente todos os dias tinham momentos de confraternização nas calçadas em frente de suas casas. Eu morei por 40 anos no bairro Porto, um dos mais tradicionais de Cuiabá. (VALDENIZA, entrevistada)

A segunda está relacionada a questão de trabalho. Parte dos entrevistados mudaram para a capital em busca de melhores condições de vida e trabalho. Alguns vieram acompanhando os pais, como Davi, 35 anos, que veio para Cuiabá com os pais para ter uma vida mais digna e aqui permaneceu por meio dos laços criados. “Quando meus pais decidiram deixar a vida sofrida no Nordeste e tentar dar uma vida mais digna para nossa família. Então

aqui cresci, estudei, e me tornei um profissional da educação, fazendo minha vida e criando laços nesta terra acolhedora.” (DAVI, entrevistado)

Outros vieram para acompanhar o cônjuge, como no caso de Sebastiana, 52 anos, que morava e é natural de Goiânia. Assim, percebe-se que a capital mato-grossense atraiu e manteve a população.

Há também o caso de Luis Antonio, 21 anos, que mescla esses dois motivos. Sendo natural de Cuiabá, com família residente na cidade, teve que se mudar para outras cidades, devido a existência de oportunidades de emprego. Porém, quando pode, sua família retornou à cidade, pois os laços aqui criados eram importantes para o bem-estar de sua família.

O principal motivo que me levou a residir em Cuiabá foi a existência de familiares que moravam aqui. Nasci em Cuiabá, mas meus primeiros anos de vida foram em outras cidades. Somente com o surgimento de novas oportunidades de emprego que meus pais puderam retornar a cidade. Hoje, resido há 13 anos na cidade. (LUIS ANTONIO, entrevistado)

Diante disso, buscou-se saber se os entrevistados consideram o povo cuiabano hospitaleiro.

Analisando as respostas, a maioria considera o cuiabano hospitaleiro. Isso porque relataram que sempre são bem recebidos nos ambientes; que sua família sempre cultivou o bem-receber e passou isso de geração a geração; que, por meio da culinária e das rodas de conversa, recebem quem chega em sua residência. Assim, Ivana, 46 anos, descreve:

Os cuiabanos, como dizem de “chapa e cruz” são hospitaleiros porque não são “orgulhosos”, a forma que foram criados, reflete no comportamento e nas atitudes. Por exemplo, os irmãos mais novos pedem benção e beijam a mão dos mais velhos, este é um ato de respeito, carinho, consideração, entre outras virtudes que nutre o caráter e a dignidade de uma pessoa. (IVANA, entrevistada)

Em síntese, a hospitalidade, na análise das respostas obtidas, é considerada um elemento costumeiro e cultural, sendo perpassado para as gerações.

Cabe pontuar também a resposta negativa. Nela, Sebastiana, 52 anos, pontua que a comunicação dos cuiabanos não é boa, de maneira a prejudicar a receptividade e o acolhimento das pessoas: “Não considero, por não ter uma boa comunicação” (SEBASTIANA, entrevistada)

Há também a opinião dada por Luís Antonio, 21 anos, que acredita que, por mais hospitaleiros que sejam os cuiabanos, eles não aprofundam as relações, devido ao medo da violência e más intenções. Assim, Luís pontua que a falta de hospitalidade de alguns lugares pode se dar por esse motivo.

No geral, são hospitaleiros. Ao receber, eles mantêm uma boa relação e tratam bem, mas as relações não se aprofundam. Hoje em dia, com as condições que vivemos, as pessoas preferem ser mais reservadas, devido ao medo de serem vítimas das más intenções dos outros. Então é muito raro ou demora muito tempo para você ser convidado para ir na casa das pessoas ou para aprofundar a relação. Acredito que a falta de hospitalidade que encontramos em alguns lugares ocorre devido a isso. (LUIS ANTONIO, entrevistado)

Por sua vez, em relação a cadeira de fio, observa-se que grande parte dos entrevistados possuíam conhecimento da prática. Dado isso, os entrevistados relataram que a cadeira de fio foi fundamental para o acolhimento daqueles que chegavam na residência. Ela posicionada na frente das casas, ou mesmo nas calçadas, era um fator importante para hospitalidade. Além disso, muitos entrevistados disseram que a culinária acompanhava essa receptividade, de forma que ao chegar, eram recebidos com café, francisquito, broa, bolo de arroz, bolo de chuva, entre outros. Dessa forma, Carol, 43 anos, relata: “Me lembro que fui visitar uma amiga, chegando lá, estavam fazendo bolo e de imediato eu já estava fazendo também, tornando-me parte da família, com risadas conversas e muita alegria.” (CAROL, entrevistada)

Foto 3: Vanessa, entrevistada, e família na varanda de sua casa



Fonte: a autora, 2021.

O público que geralmente recebiam eram vizinhos e familiares. Alguns, como Dalva e Egnaldo, relatam que essa prática ocorre até hoje em sua família. “A cadeira de fio é até hoje utilizada em minha residência. Cresci no bairro Praeiro, na Avenida Beira Rio, com os meus pais e vizinhos sentados na porta de casa. Quando nossos parentes chegavam, tínhamos o mesmo costume de sentar na calçada. ” (DALVA, entrevistada)

Foto 4: Senhora Dalva



Fonte: a autora, 2021.

Por meio disso, ressalta-se também que esse costume é essencial para o acolhimento de quem chegava. Terezinha, 65 anos, destaca que a cadeira de fio era uma peça muito cara, por isso, não era utilizada em sua família, dando lugar a utilização de bancos e outras cadeiras. “[...] eram relíquias das moradoras da época, eram peças caras e não eram todas as pessoas que tinham cadeira de fio.” (TEREZINHA, entrevistada)

Percebe-se que, hoje, esse costume não é tão frequente. As transformações ocorridas na sociedade fizeram que a utilização da cadeira de fio dessa maneira se tornasse rara. Assim, Eunice, 44 anos, relata:

A cadeira de fio foi e ainda é um fator relevante para a cultura e hospitalidade cuiabana. Antigamente tínhamos o costume de sentar nas calçadas de casa para prostrar, hoje esse costume praticamente acabou devido à falta de segurança que temos em nossa querida Cuiabá. (EUNICE, entrevistada)

Conforme as entrevistas, foi apontado que a modernização e o advento das tecnologias de comunicação fizeram com que a cadeira de fio fosse abandonada. Além disso, o ritmo de vida atualmente também influi para não utilização. Outro ponto é a insegurança dos moradores na realização dessa prática, tendo em vista os casos de furto e assalto. Um ponto importante também relatado é que essa prática é considerada antiga, utilizada pelos mais velhos, de forma que não condiz com o estilo atual de vida. Dessa maneira, acreditam que

esses sejam os motivos também para a não possibilidade de retomada desse costume nos dias de hoje.

Como visto que a cadeira de fio foi fundamental para a hospitalidade, os entrevistados sugeriram alternativas para que a cidade se torne mais hospitaleira, dentre elas: investir em espaços públicos turísticos, ter mais empatia com o visitante, melhorar a comunicação. Dessa maneira, corroborando com isso, Eunice opina:

Cuiabá precisa melhorar muito para ser tornar mais hospitaleira, precisamos de políticas públicas severas que valorizem os poucos atrativos turísticos que temos aqui, e oferecer um sistema básico de infraestrutura, vias de acesso, saneamento e planejamento urbano em locais que ainda não tem. (EUNICE, entrevistada)

No que tange às contribuições da hospitalidade no turismo, Patrícia, 37 anos, pontua que a população cuiabana precisa melhorar o acolhimento. Para ela, a capital não possui muitos atrativos turísticos, o que prejudica na hospitalidade.

[...] sinto que precisamos melhorar em vários aspectos, vejo muita gente falando que somos totalmente hospitaleiros, eu particularmente não concordo, até porque o cuiabano tem hábitos e costumes diferentes um do outro, e um turista bem antenado não deixa passar nada sem ser observado, ele observa o atendimento, segurança do local onde se encontra, os atrativos e todas as outras opções que uma cidade pode lhe oferecer. Infelizmente a nossa capital em si, não tem muitas opções de atrativos turísticos, nisso deixamos a desejar e perdemos nesse quesito de hospitalidade, por não termos muito o que oferecer para o turista. (PATRICIA, entrevistada)

Apesar disso, Patrícia acredita que Cuiabá possui uma culinária muito rica, saborosa e elogiada pelos turistas, de maneira que a exploração desse segmento poderia influir positivamente na atratividade turística. No mais, ela acredita que a hospitalidade não é sentida pelos visitantes ao frequentarem os pontos turísticos.

Foto 5: Patrícia e família



Fonte: a autora, 2021



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como visto, a hospitalidade, pelo viés histórico-cultural, está relacionada ao bem-receber do visitante pelo anfitrião. Isso quer dizer que, ao se tratar com urbanidade, respeito, simpatia, desperta-se também esses atributos no visitante, de maneira que a relação interpessoal se constrói com base na reciprocidade.

Assim, a hospitalidade vista na utilização da cadeira de fio em frente das casas cuiabanas pode ser analisada como uma característica intrínseca da cidade. Ao se receber familiares, vizinhos ou aqueles que por ali passam, desde o quintal ou até mesmo na calçada, gera acolhimento no primeiro contato.

Para isso, diante das entrevistas realizadas, foi possível constatar que, no primeiro momento, o público-alvo considerou a hospitalidade como um dos principais elementos da cultura cuiabana, juntamente com a culinária. Isso mostra que a população possui conhecimento de seus atributos e o quanto isso é relevante culturalmente.

E é nesse sentido que a maioria afirmou que a hospitalidade é presente no cotidiano da cidade. Contudo, podemos observar que não se trata de unanimidade, de maneira que a falta de comunicação e sensibilidade também esteve presente nas relações vivenciadas na cidade. Assim, entende-se que, no geral, pode-se considerar como uma cidade hospitaleira, mas possui, sim, alguns aspectos para aprimorar.

No que tange a cadeira de fio, é inevitável o impacto que essa peça gerava na receptividade. Como bem relatado, era um momento de contato com outros indivíduos, em que se sentavam em roda para partilhar histórias e experiências. Além disso, também era um espaço que qualquer um podia participar, desde os mais velhos até os mais novos, que brincavam ao redor das rodas de conversa. Assim, destaca-se a importância dessa cultura para a sociabilização e caracterização da hospitalidade na região cuiabana.

Pontua-se que a cultura da cadeira de fio trazia também elementos da culinária regional, tendo em vista que era comum ser oferecido aos visitantes café, bolo de arroz, bolo de chuva, francisquito, chá de capim cidreira, entre outros.

Apesar disso, percebe-se que essa cultura ficou para trás; por mais que ainda possam se encontrar famílias que a praticam, a sociedade sofreu inevitável transformação, de modo que alterou o estilo de vida dos indivíduos. Hoje, o contato e a comunicação interpessoal são

estabelecidos, em grande parte, pelas redes sociais. A praticidade e agilidade que esses meios de comunicação geraram tomou lugar da cultura da cadeira de fio.

Ademais, a falta de segurança pública e o momento de pandemia vivenciado dificultam a retomada desse costume. É comum, ao consultar as mídias informacionais, deparar-se com casos de furto, assalto, ou até mesmo homicídio, ocorrido nos bairros da capital mato-grossense. Dessa forma, o medo em ser vítima dessas tragédias assola a população cuiabana, a qual prefere manter-se dentro de casa do que receber visitas.

Cabe pontuar também que o crescimento da cidade fez com que as residências fossem modificadas, não sendo frequente encontrar casas com varandas e calçadas grandes. Diante disso, tem-se o panorama de Cuiabá quanto a hospitalidade dada pela cultura da cadeira de fio.

É nesse ponto que cabe o diálogo da hospitalidade com o turismo. É inegável que a hospitalidade está baseada no princípio do acolhimento e receptividade daquele que está visitando. Como visto, o modo de vida atual fez com que o indivíduo se tornasse mais reservado e cauteloso no estabelecimento da comunicação, diante da falta de segurança. No entanto, à medida que isso ocorreu, a hospitalidade foi afetada. As entrevistas demonstram como os visitantes são incompreendidos em suas necessidades; como o atendimento em determinados estabelecimentos se deu de maneira ineficaz, ou até mesmo com despreparo, pois não conseguiam entender o idioma, no caso de turistas estrangeiros.

É claro que sempre existiram diferenças entre os indivíduos e é isso que caracteriza cada um. Entretanto, em geral, não há preparo e sensibilidade em lidar com essas particularidades, de modo que a comunicação, elemento essencial para conseguir acolher uma pessoa, não é estabelecida satisfatoriamente. Logo, nesse cenário, não tendo acolhimento, não se gera hospitalidade; e sem esta, o turismo não se impulsiona.

## REFERÊNCIAS

- BARROS, J. M. **Cuiabá de hoje**. Da Academia Matogrossense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. São Paulo: Editora Resenha Tributária Ltda., 1984;
- BOER, L; REJOWSKI, M. Dimensões da hospitalidade em um restaurante comercial. **Turismo & Sociedade**. Curitiba, v. 9, n. 1, p. 1-23, jan. abr., 2016.
- BRUSADIN, L. B. **O estudo da hospitalidade por Luiz Octávio de Lima Camargo: epifania da dádiva**. **Revista Hospitalidade**, v. 13, n. 2, p. 242-247, ago. 2016. Disponível em: <https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/614> . Acesso em: 10 jul. 2020.
- CAMARGO, L.O.L. **O estudo da hospitalidade**. In: MONTADON, A. (Org.). **O livro da hospitalidade: a acolhida ao estrangeiro na história e nas culturas**. São Paulo: Senac, 2011.
- CAMARGO, L.O.L. **Hospitalidade**. Coleção ABC do Turismo. São Paulo: Ed. Aleph, 2004
- GONÇALVES, E. P. **Iniciação à Pesquisa Científica**. 2º ed. Campinas – SP: Alínea, 2001.
- GODELIER, M. **O enigma do dom**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- GRINOVER, L. **Hospitalidade e qualidade de vida: instrumentos para a ação**. In: DENCKER, A. de F. M.; BUENO, M. S. (orgs.). **Hospitalidade: cenários e oportunidades**. São Paulo: Thomson, 2003. p. 49-59.
- LASHLEY, C. Para um entendimento teórico. In: LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison. **Em busca da hospitalidade**. São Paulo: Manole, 2004. p. 1-23.
- LARAIA, R. de B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
- MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2004. p. 269.
- MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac e Naify, 2003.
- MIRANDA, L. C. Do “Chapa E Cruz” ao “Pau Rodado”: A Hospitalidade Cuiabana E A Imigração Em Mato Grosso. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. 2006.
- MONTANDON, A. **O Livro da Hospitalidade: Acolhida do Estrangeiro na História e nas Culturas**. São Paulo: SENAC, 2011.
- OLIVEIRA, A.P.G.S. de; FONSECA, N.R.V. A construção histórico social da hospitalidade mineira e a percepção dos turistas que visitam Belo Horizonte. **Revista Hospitalidade**, v. 17, n. 3, 2020. Disponível em: <https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/894/pdf>. Acesso em: 05 mai. 2021.
- PRAXEDES, W. Reflexões sociológicas sobre a hospitalidade. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 2, n. 37, jun. 2004.